

ANPOCS 2003

GRUPO: ESPORTE E SOCIEDADE

Corpo: dominação e louvação

Dr. Hugo Lovisolo

Professor Adjunto da UGF e da UERJ

Antonio Jorge Soares

Professor Adjunto do CEFET-RJ e da UGF

RESUMO

O tratamento do corpo no Brasil convive com uma contradição: dominação e louvação. A visão do corpo como subordinado remete à tradição ocidental, tanto católica quanto cartesiana. Em oposição, temos narrativas de um corpo louvado na praia, na rua e no futebol como marcas identitárias. Toma-se como objeto de análise a louvação do corpo na constituição do estilo brasileiro de futebol, destacando historicamente a tensão entre a valorização da criatividade e a disciplina dos corpos. Em síntese, a visão romântica é posta como possibilidade de pensar a contradição, via criatividade, entre a tradição ocidental e a construção da própria identidade.

Palavras-chave: romantismo, corpo, identidade e futebol.

Abstract

Key-words

RESUMEN

El tratamiento del cuerpo en Brasil convive en contradicción: dominación y elogio. La visión del cuerpo como subordinado remite a la tradición occidental, tanto católica cuanto cartesiana. En oposición, tenemos narrativas de un cuerpo elogiado en la playa, en la calle y en el fútbol como marcas identitárias. Tomase el elogio del cuerpo en la constitución del estilo brasileño de fútbol, destacando historicamente la tensión entre la valorización de la creatividad y la disciplina del cuerpo. En síntesis, la visión romántica es puesta como posibilidad de pensar la contradicción, via creatividad, entre la tradición occidental y la construcción de la propia identidad.

Palabras llaves: romantismo, cuerpo, identidad y fútbol.

Introdução

As áreas disciplinares que lidam com o corpo, material e simbólico, parecem possuir entre nós uma dualidade de constituição. De um lado, critica-se a história de constituição do lugar dominado do corpo na hierarquia conceptual e cultural e nas práticas sociais. Não raro, a partir de um pecado original católico que o racionalismo cartesiano teria complexificado em efeitos na combinação subordinada do corpo pecador e mecânico. O levar a sério a imagem cartesiana do corpo, vegetal e animal, como máquina é exagerado quando consideramos que a idéia foi vista como absurda por pensadores do tamanho de Locke, que não confundiam o desempenho do seu relógio com o comportamento do cachorro de estimação. Talvez, a “máquina do sexo” seja a expressão que une dois significados antagônicos na persistência e resistência da mecânica com a volúpia desregrada do prazer do sexo. A junção é moral e epistemológica, na posição subordinada do corpo moral e de conhecimento. Do outro, louva-se a expressividade do corpo do brasileiro no futebol, na música, nas modas e modos de mulheres e homens, sobretudo das primeiras. Esta avaliação é partilhada pelo olhar do outro; os estrangeiros ficam fascinados pelo movimento dos corpos no gramado, na praia e na avenida. No caso, o estético ganha relevância e possibilita os balbucios de uma moral baseada nos belos sentimentos e de um conhecimento elaborado a partir dos ensaios do corpo em movimento em espaços socialmente partilhados. A crítica ao racionalismo cartesiano não faria sentido se, de fato, no plano das práticas o que domina no Brasil é o corpo expressivo e incluído, totalmente presente no cotidiano, ao invés de excluído. Nesta perspectiva podemos formular as seguintes questões: se na cultura brasileira o corpo ocupa um lugar altamente valorizado, porque a crítica do primeiro ritual é tantas vezes enfatizada, repetida, tornando-se lugar comum? Quais são os fantasmas da crítica?

Na tradição racionalista ou na espiritualista é a mente, a alma ou o espírito que deve comandar o corpo. Não raro, os defensores do corpo apenas invertem os termo. Um exemplo interessante por sua simplicidade e difusão é o de Nuno Cobra (2000).¹ O autor afirma

¹ Os editores do livro de Nuno Cobra declaram que venderam mais de 130.000 exemplares e o livro está na 38ª edição. A cifra em si mesma justificaria a citação da obra.

Quando uma pessoa resgata no próprio corpo o poder dado por Deus e tirado pela sociedade, fica espiritualmente forte. E quando alguém fica forte espiritualmente, não engole mais o autoritarismo arrogante que o cerca. Entrei em litígio com os professores, discutia com eles –o que, na época era absolutamente proibido. Acabava sempre suspenso e, o que era pior, obrigava minha mãe a ir à diretoria da escola a todo instante, o que me aborrecia demais.

A essa altura, eu era extraordinariamente forte, chegava a levantar um fusca com as mãos. (COBRA, 2000, p. 19-20)

A inversão que valoriza o corpo, no caso de Nuno Cobra, cria o axioma de “Chegar ao cérebro pelo músculo e ao espírito pelo corpo” (p. 21). Há uma inversão carregada de promessas de revolução pessoal e social nos cuidados do corpo mediante o sono, a alimentação e o movimento. A finalidade parece ser atingir o cérebro e o espírito, entretanto, a via é o corpo. O estado bom do corpo gera o bom funcionamento cerebral e o bem espiritual. Observe-se que há um lugar romântico exacerbado na constituição do discurso: a sociedade tira o poder que Deus, tanto faria dizer a natureza, nos deu. Nuno Cobra é um seguidor de Rousseau, o pai dos românticos. Há, no entanto, uma diferença central. Se para Rousseau seguir a simplicidade da natureza é a forma de educação, jamais pensaria que sono, alimentação e movimento adequados, fariam ao funcionamento do cérebro e ao desenvolvimento da espiritualidade. A louvação do corpo forte e bioquimicamente equilibrado ganha em Nuno Cobra sua expressão totalizante, senão meramente totalitária.

Estaríamos diante de dois discursos, quase rituais, identitários?

O primeiro, na crítica do lugar subordinado, excluído ou não determinante do corpo, permitiria afirmar que estaríamos sendo ocidentais quando subordinamos ou excluímos a positividade do corpo. Embora isto seja negativo, seria mediante essa negatividade que nos situamos como continuadores da tradição ocidental, religiosa e racional, da Europa. Decorre, então, os lugares comuns das citações do pensamento racionalista cartesiano que, suspeitamos, significa para nós o eixo estrutural do ser ocidental e europeu. Penso, logo existo. Assim, subordinação ou exclusão do corpo significa continuidade com o modo de ser europeu e ocidental. Para constituirmos esse ritual esquecemos a tradição racional e materialista do corpo que chegou a afirmar que “somos o que comemos”. Tradição presente, talvez a contrapelo, no próprio cerne do culturalismo brasileiro, de Gilberto Freyre, quando afirma, ecos de Fierbacht, que parte dos nossos males se derivam da dieta de farinha e peixe

seco. Esquecemos, também, a tradição da higiene e dos higienistas, quer motivando a autonomia nos cuidados do corpo como caminho da vida boa, quer guiando a intervenção do Estado para criar as condições do corpo higiênico. Esquecemos que muitos filósofos preocupados pela mente e os conceitos tenham tido cuidados quase obsessivos com seus próprios corpos, o próprio Descartes, que deixava o corpo entre os tómbios lenços até bem avançado o dia para melhor pensar. Os esquecimentos, portanto, parecem ser centrais para constituirmos uma identidade enraizada no Ocidente de subordinação do corpo, da qual partilharíamos os efeitos negativos, e cujo instrumento de construção é o olhar na leitura e reflexão do texto e do contexto.

O segundo ritual inverte o primeiro formulando o reconhecimento positivo. Destaca a importância do corpo para o brasileiro na miscigenação, na diversidade de formas, cores e texturas corporais, na movimentação da dança e do futebol, na expressão dos corpos na interação cotidiana, na estética dos corpos cantada de mil maneiras. Da “mulata assanhada” à “garota de Ipanema”. O instrumento parece aqui ser o olhar do que ocorre, do que está aí: o corpo em movimento no espaço. A importância da leitura, dos distanciamentos críticos, desaparece. O corpo deixa de ser subordinado, excluído, não determinante e passa a ser a própria linguagem. Ele ocupa a cena, inclui e determina os nossos sentimentos, emoções e crenças. Neste ritual nos definimos como brasileiros que usamos e abusamos da linguagem do corpo, do gesto corporal para expressar a gama de matizes do homem cordial, um ser emocional. Afirmamos com tranquilidade: somos aquilo que os nossos corpos gostam de fazer, sobretudo, a festa para expansão, fruição e expressividade do corpo; como está presente no ditado popular: “quem não gosta de samba, bom sujeito não é; é ruim da cabeça ou doente do pé”.²

Futebol e louvação do corpo

Corpo alegre, maroto, com ginga é o nosso desejo e preenche nossas demandas de afirmação de identidade. A prova: Garrincha, Pelé e a nossa frente Robinho³, juntamente com tantos outros heróis da galeria nacional da identidade como, por exemplo, o famoso personagem de Jorge Amado, da obra *Dona Flor e seus dois maridos*. Um lugar por excelência do corpo seria a ginga no futebol e sua expressão máxima: o drible. Pesquisar esta

² Cf. Lovisolo (2000). O autor destaca no seu elogio o valor do pé para a liberdade de circulação, de movimentação no espaço, e os sentidos a ela associados.

³ Robinho é jogador do Santos, com apenas 17 anos, que encantou a imprensa e os brasileiros com seus dribles na final do Campeonato Brasileiro de 2002. Todos estão sempre ávidos a encontrar as marcas e características corporais, portanto identitárias, simbolizadas por Garrincha e Pelé, nos novos jogadores.

figura no esporte nacional torna-se significativo. Vejamos alguns de seus passos e a importância do movimento do corpo na constituição do futebol.

O processo de apropriação do futebol no Brasil foi rápido, se difundiu sem escola, sem manuais e sem a filosofia que o esporte moderno parece ter apresentado no contexto inglês. As descrições indicam que se difundiu a partir dos prazeres do corpo no jogo, mas também dos corpos nos salões, nas ruas, nas praias e passeios.⁴ No Rio de Janeiro, a partir de 1905, teria deixado para trás sua feição de novidade e ganhado a marca de um esporte triunfante. Por chamar a atenção de “uma mocidade dispersa”, o futebol dava motivo para o surgimento de inúmeras associações esportivas.⁵ Assim, o desejo do jogo do corpo faz à organização social mediante associações esportivas e recreativas. Já ao final de 1906 haviam sido fundados mais de 30 clubes. Essa popularização crescente parece ter provocado um descontentamento por parte de alguns segmentos da imprensa e dos clubes de elite, que começaram a perceber que a massificação do futebol afrontaria o cavalheirismo, o *fair play* e macularia a imagem do verdadeiro *sportman*. Pela rápida difusão e organização de diferentes ligas, podemos afirmar que as tentativas de barrar o envolvimento das camadas populares com esse esporte foi rapidamente vencida. (PEREIRA, 2001)⁶ A vontade de jogo do corpo quebrou com as resistências aristocráticas (caso tenham de fato existido com significado político e social que as vezes é atribuído pela historiografia do futebol brasileiro).

O *boom* do futebol, entre as décadas de 1910 e 1920, motivou nova tentativa de frear esse crescente avanço ou invasão das classes populares. É certo que as tentativas de freio não se restringia apenas ao futebol ou em esporte em geral, pois, em outras esferas sociais os de ‘cima’ também tentavam conter os avanços dos que estavam ‘embaixo’. Um dos mecanismos de contenção utilizados se deu inicialmente através da cobrança de altas taxas de filiação aos clubes de elite. Tal medida apenas filtrava o acesso aos clubes de elite, mas não excluía os populares da participação em clubes periféricos, que alguns deles também se faziam presentes nos campeonatos da liga principal. Ou seja, não se tratava de ser membro do clube, pretendia-se simplesmente jogar futebol e deixar o corpo fruir. Já em 1907 os jornais cariocas notificavam cerca de 77 clubes de diferentes condições sociais e em 1915 este número era quase três vezes maior; o jornal *O Imperial* relata que eram 216 clubes (PEREIRA, 2001). A vontade do corpo ganhou espaço mesmo entre as elites, e se pensarmos que o corpo é aquilo que está embaixo, na tradição política de raiz conservadora que hierarquiza a cabeça, quer

⁴ Sobre o novo dinamismo da vida nas cidades veja-se Sevckenko (1992).

⁵ Cf. Araújo (1993).

monárquica ou leninista, temos que reconhecer que os de baixo ganharam a briga com certa facilidade.⁷

Esta trajetória de incorporação do futebol na sociedade brasileira parece, ao mesmo tempo, ser uma modificação ou constituição da própria sociedade e das organizações esportivas da época. Já na década de 1920, quando o futebol estava totalmente disseminado entre a população, os clubes do subúrbio (de menor expressão econômica, mas de grande expressão numérica) começaram a reivindicar a participação nos principais eventos e na política interna das ligas. Diante da pressão de baixo para cima, os clubes de elite tentaram manter seus distanciamentos buscando outros mecanismos de diferenciação.⁸ Como sabemos não foram eficazes, a vontade do corpo analfabeto, negro e miscigenado ganhou dos mecanismos de exclusão antes na festa e no esporte do que na política e na barriga satisfeita.

Os dados sobre os processos de urbanização das grandes cidades e de difusão do futebol no início do século parecem indicar que a população estava ávida em participar de atividades de caráter recreativo onde os corpos pudessem fruir livremente nas festas populares e nos campos de futebol. (JESUS, 1997) Assim, a apropriação do futebol foi se dando, na maioria das vezes, por imitação, sem manuais ingleses, sem leitura das regras oficiais, sem campo ou equipamentos padronizados, mas com uma obsessiva vontade de participar daquele novo hábito de conduzir a bola com os pés.(TOLEDO, 2000)⁹ Diante do rápido processo de massificação era de se esperar que a variabilidade técnica de uso do corpo fizesse surgir diferentes formas ou estilos de jogar. Os jornalistas e os aprendizes do esporte bretão, letrados nos manuais ou em suas experiências como estudantes europeus, podiam insistir sobre o valor do futebol jogado, coletivamente, à inglesa. Os populares, por sua vez, espalhavam-se pelos

⁶ Os dados jornalísticos foram principalmente retirados do livro *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938*.

⁷ Na tradição de esquerda a paixão pelo esporte foi vista como um desvio das tarefas emancipadoras, mesmo como alienação. Contudo, cabe perguntar-nos se a possibilidade da organização autônoma do corpo, sem a condução da cabeça ou partido, não teria sido um componente de peso nas relações negativas com a paixão pelo esporte.

⁸ - A AMEA criava outros mecanismos de controle sobre o jogador:

- 1- “Todo e qualquer jogador atleta de futebol deverá apresentar à comissão de sindicância, a cada noventa dias, a prova de que trabalha”;
- 2- “Na prova apresentada a comissão de sindicância deve constar o valor do seu ordenado”;
- 3- “Todos e qualquer atleta do futebol devem ler e escrever corretamente”;
- 4- “Antes do jogo, o atleta deverá preencher a ‘papeleta de inscrição’ para poder adentrar ao gramado, diante do árbitro, do presidente da Associação ou de um fiscal da Comissão de sindicância”. Cf. Soares (1998).

⁹ O autor relata que os primeiros manuais do esporte foram trazidos em língua inglesa, a primeira tradução se deu de forma tardia. Se considerarmos o índice de analfabetismo da época poderemos inferir que apropriação se deu pelo olhar e por aquilo que se ouvia dizer ser o espírito do jogo.

campos e terrenos baldios na cidade experimentando formas, manejos e trejeitos de conduzir a bola individualmente, divertindo-se sem tomar consciência dos ideais civilizatórios ou de expansão e dominação do imperialismo britânico; tal como alguns analistas insistem em afirmar esse tipo de intencionalidade ideológica do esporte moderno.¹⁰ O corpo jogava sua marotice, sua ginga, sua expressão e improvisação: o corpo tornava-se criatividade no jogo.¹¹

A forma pela qual o futebol se difundiu rapidamente no Brasil levou os nossos jogadores apresentaram um estoque variação e manejos corporais diante do novo esporte. Provavelmente, isso se deu também em outros sítios.(HAMILTON, 2001) Façamos uma pequena digressão para exemplificar o problema da construção da singularidade no uso do corpo e de nosso futebol. Por exemplo, Archie Mclean, escocês que viveu e jogou futebol no Brasil na década de 1910, e Ted Bates, jogador inglês em excursão ao Brasil no ano de 1948, apresentam descrições do estilo brasileiro que falam de adaptação geográfica e do temperamento do povo refletido no esporte:

Archie Mclean

“Os brasileiros jogam um futebol alegre porque aprendem **o jogo nas praças** como os **escoceses nas ruas; o maior prazer é driblar um adversário e marcar um gol**. Assim, a natureza aparece por completo. O jogo deles continua atraente porque eles admitem que certa altura devem ser imprevisíveis em tentar driblar um adversário ou fazer um passe arriscado. **Eles não são escravos da segurança...**” (HAMILTON, 2001, p. 111, apud RAFFERTY, J. 1977).(grifos nossos).

Ted Bates

“Esses sul-americanos são muito rápidos com a bola, mas são jogadores muito individualistas e também jogam muito perto e não parecem ter lá muito método. São muito temperamentais e arremetem e colidem uns com os outros. Nesta partida em especial, os dois times terminaram com nove jogadores de cada lado. Dois foram expulsos por briga e os outros saíram porque se contundiram”. (HAMILTON, 2001, p.239)

¹⁰ Helal, R., Soares, A J. & Lovisolo, H. (2001). Especialmente o capítulo que trata da febre do futebol em seu início que incomodou Graciliano Ramos e o levou a escrever um artigo jornalístico profetizando que aquela moda ou febre de jogar bola seria passageira, como podemos ver a profecia falhou.

¹¹ Lovisolo, H. & Soares, A J. (2003).

Observe-se que o estilo assim seria produto do local, do temperamento, do espírito do povo. A natureza aparece por completo, a ausência de método e a não preocupação com a segurança permeiam a visão dos observadores externos e transmite a percepção de que o futebol aqui jogado não seguia os ideais normativos e táticos preconizados pela escola inglesa, além de dizer que faltava condutas civilizadas ou auto-controladas, portanto, racionais. A espontaneidade e o prazer, por vezes egocêntrico ou individualista, parecem predominar no futebol brasileiro em relação à organização racional do esporte no olhar destes estrangeiros. Contudo, se tomarmos a descrição de Archie Mclean, quando assemelha brasileiros e escoceses no uso do drible, poderíamos pelo menos suspeitar da narrativa sobre a originalidade de nosso corpo e futebol que construímos e reforçamos, bem como suspeitar do olhar do ‘outro civilizado’.

Entretanto, tais manejos corporais --onde o excesso de dribles e piruetas se tornava à marca do nosso futebol-- era ao mesmo tempo louvado e criticado na imprensa nos anos de 1920.¹² Se tomarmos o texto de Antonio de Figueiredo, datado de 1918, sobre a evolução do futebol e o texto Américo Netto, datado de 1919, sobre a vitória brasileira no Sul-americano, teremos um bom exemplo da tensão dos rituais discursivos sobre o corpo em nossa sociedade. Vejamos os textos:

“Bem diferente do de hoje. Um back que tivesse ‘shot’ forte, e que atravessasse o campo, era um estupendo jogador; um ‘forward’, que varava sozinho, por meio de ‘driblings’, a defesa contrária, era endeuzado; um ‘half’, que dava cabeçadas com esta exclusiva preocupação era amado por todos (...) Havia outras extravagâncias originais: certos ‘backs’ – calculem! - percorriam o campo, de lado a lado, por meio de enganos (...).”

Estas coisas, porém, faziam vibrar as arquibancadas. E as arquibancadas que lindas que eram! A moda era o football. O ponto de reunião elegante estava no campo de foot-ball, ou, melhor, no Velódromo. (...) Não se conhecia estilo de jogo, a utilidade dos passes, a permanência nas verdadeiras posições, e não dava valor à calma, ao método, à disciplina. Para essa gente pouco se lhe dava que o foot-ball tivesse regras, tivesse princípios. O que ela apreciava eram as corridas vertiginosas e eficazes, as piruetas dos ‘goal-keepers.’(FIGUEIREDO, 1918, p. 77-8)

¹² No caso específico do futebol brasileiro tínhamos os louvadores do drible e da ginga e os defensores do jogo com a idealização dos manuais ingleses. Apresentamos alguns dos protagonistas deste debate na Reunião da ABA em 2002. Observe-se também que o próprio beisebol até aproximadamente a mesma época era visto como circo, onde os jogadores faziam suas palhaçadas. A mitologia do beisebol atribui a Ty Cobb um papel significativo na profissionalização deste esporte. No século XIX, a ginástica científica, para se constituir, teve que rejeitar a tradição dos movimentos circenses. Cf. Soares, C. (1998).

Figueiredo aponta que tanto os *players* quanto os espectadores, no início do futebol no Brasil, não tinham uma formação estética para apreciar a beleza da disciplina tática e coletiva que preconizava o esporte inglês.

Américo Netto, por sua vez, era defensor da singularidade do estilo brasileiro, portanto, da ginga, do drible e da criatividade que ele observava no uso e trejeitos do corpo do brasileiro no futebol. Assim, justifica a vitória do sul-americano de 1919:

“Tornou-se motivo de censura a acentuada “tendência individualista”, tão própria da nossa índole e da nossa formação esportiva. O que se queria era chegássemos ao mesmo grau de perfeição dos orientais que somente e admiravelmente jogam em bloco, numa disciplina admirável de harmonia e combinação. Reprovava-se o nosso jogo de investidas bruscas e desiguais no qual “faltava combinação”, não havia “esforços de conjunto” apreciável”.(p.7)

“Porque vencemos? Por uma questão de valor real, de decidida superioridade ou apenas por um feliz conjunto de circunstâncias? Que o digam os resultados dos jogos em que batemos chilenos, uruguaios e argentinos, não sendo batidos por nenhum deles. Mas quais foram às causas mais apreensíveis da nossa vitória? De que elementos dispúnhamos para termos podido vencer os invencidos?”(p.7)

Américo Netto (1919) termina dando a resposta as questões levantadas: “Vencemos simplesmente porque não jogamos como eles, porque é muito diferente, é muito nossa, muito brasileira, a escola de foot-ball que adotamos ou, antes, que criamos para nosso uso exclusivo. (p.7)

De fato, a tensão entre um modelo corporal disciplinado, regrado e mecanizado, convive com o modelo do corpo liberado, expansivo, alegre, não-disciplinado, emotivo e que apresenta fruição e imprevisão, portanto, apresenta criatividade. Temos de um lado uma visão clássica, trata-se de seguir um modelo, uma disciplina do jogo. Do outro, uma espécie de versão romântica que valoriza a criatividade e a recreação, a intuição, o corpo em movimento do artista que trata de fazer nas simbioses do corpo e da bola que percorre o campo e atravessa pelos os adversários uma obra de arte.

O futebol foi praticado assumindo todas as possibilidades de variação e adaptação, isto é, de bola, de campo, de uniformes e regras, tanto pelas camadas populares quanto por boa

parte da elite.¹³ Assim, o estilo brasileiro teria sido fundado nas qualidades individuais e no drible, afastando-se da filosofia da disciplina tática coletiva e do *sprit de corps*, em decorrência do desconhecimento, da inexistência de uma educação esportiva sistemática e da tremenda vontade de participar dos novos hábitos que invadiam a cidade. Poderíamos pensar que o futebol no Brasil, apesar de ser um jogo de equipe, foi apropriado de forma egocêntrica, apresentando grande variabilidade de gestos e modos de uso do corpo. Tal variabilidade pode ter formado um padrão singular de jogo fundado nas qualidades individuais e nos possíveis arranjos coletivos do toque de bola. Talvez o padrão de jogo construído mais se aproxime da imagem da improvisação no *jazz*, onde as variações dependem fundamentalmente da criatividade de cada instrumentista, mas todos devem estar atentos a harmonia da melodia. Tanto no jazz quanto no futebol, os ‘solos’ podem, de acordo com a intensidade, atrapalhar a harmonia. Observemos que a variabilidade dos estilos de jogo e das formas de apropriação das regras no cenário mundial era grande nas primeiras décadas do Séc. XX.¹⁴

O estilo de jogo do futebol brasileiro começou a ter um relativo sucesso a partir dos anos de 1920 e já na década de 30 começa a ser louvado e narrado com mais intensidade. A ginga, o drible e as firulas, deixam de ser consideradas falta de conhecimento do ‘verdadeiro futebol’ e passam a ser motivo de orgulho, de alegria e de reconhecimento de singularidade. O estilo se transformou numa narrativa profundamente fértil para construção de identidade do futebol e do Brasil, isto é, a narrativa do estilo foi tornou-se metonímia da narrativa nacional. Tal narrativa foi internalizada a ponto que achamos hoje que o passado de nosso futebol, pintado com lápis colorido, era formado por ‘deuses’ que só apresentavam belas jogadas, dribles sensacionais que culminavam no belo gol ou na jogada espetacular. O nosso futebol, expressão de nossa brasilidade junto com carnaval e o samba, apresentava beleza, mesmo quando praticado em terrenos baldios ou na várzea.¹⁵

A contradição que parece se instalar é que nossa identidade no futebol foi construída a partir do drible, da jogada ou gol sensacional como pura ruptura estética, contudo, isto não é o que acontece no cotidiano do futebol ou em qualquer jogo. Durante um jogo de noventa minutos o que mais vemos são passes e jogadas erradas que em nada resultam. O futebol também não é só feito apenas pelos goleadores, deuses ou heróis, cujas jogadas nossa memória guarda, sobretudo de dribles e gols espetaculares (Pelé, Romário e, recentemente,

¹³ Toledo, 2000, p. 31-34, fala sobre a utilização da Charge na disputa da bola. *No País do futebol*. Não podemos pensar que todos os praticantes de futebol, pertencentes às elites, aprenderam a jogar futebol nas escolas européias ou mesmo lendo os manuais.

¹⁴ Toledo (*Idem*).

¹⁵ Lovisolo & Soares, 2003.

Robinho). O futebol também é feito por soldados (como Telê, Dunga e inúmeros anônimo) a serviço desses raros momentos de êxtase que o futebol proporciona durante uma partida. Todavia, esquecemos facilmente a armação, defesa e a marcação em benefício do drible e do gol. Uma densa narrativa romântica nos conecta ao passado como se este fosse melhor e mais colorido do que o presente. Em outros termos, tanto o corpo criativo quanto o disciplinado fazem parte da harmonia do futebol, contudo, valorizamos o criativo que se expressa na combinação de gestos corporais inesperados.

Queremos a volta do futebol de ouro porque pensamos que no passado tínhamos mais Garrinchas, Leônidas, Pelés do que hoje temos Romários, Ronaldinhos e Robinhos`. Esse imaginário alimenta as elaborações e as reclamações sobre a morte do futebol arte, do drible, do lance inesperado, enfim, da criatividade do corpo que resolve sem esquema, sem jogada ensaiada. Resoluções que não se baseiam no trabalho duro, na repetição, na mentalização daquilo que deveria ser feito. Isto parece ser muito cerebral, bem mental, pouco corporal. Entretanto, basta aparecer um drible sensacional como o de Robinho, na final contra o Corinthians em 2002, ou o drible Ronaldinho Gaúcho na última Copa de 2002, nomeado de ´pedalada`¹⁶, que rapidamente tentamos resgatar a identidade ou imagem dos deuses do passado do futebol brasileiro. Ressuscitamos a identidade do nosso futebol, nos conectamos ao passado áureo e começamos a fornecer material para continuidade da memória coletiva.

Valorizamos a criatividade e expressividade do corpo do craque, desvalorizamos o trabalho disciplinado dos esquemas táticos, dos treinamentos repetitivos, que nos remetem a idéia do máquina, do corpo cartesiano. A jogada bela e boa nasce e sobem de abaixo, dos pés, não da mente treinada para conduzir os movimentos. O bom e belo resulta da participação natural e espontânea, da autenticidade e criatividade do corpo. Então, qualquer imagem do corpo como máquina conduzida pela mente nos resulta atarrascante. Talvez sejamos profundamente românticos para sermos brasileiros. É uma solução que nos leva a contradições significativas, porém, talvez seja a única possível pelo momento. Assim, mantemos nosso vínculo com as origens da Europa quando discursamos sobre a racionalização, a disciplina, a técnica, o conhecimento e a mente. Mas, nos distinguimos e somos o que somos quando destacamos o poder de criatividade no movimento do corpo. No caso do futebol, a estética do movimento conduziria à eficiência nos resultados. Quando a eficiência desaparece, surgem os discursos em favor da racionalização, do treinamento, do

¹⁶ O drible se caracterizou por uma seqüência de passadas, de um lado para o outro, que o jogador deu por cima da bola. O oponente acompanhou o ´balé de pernas´ ou o ´gingado do samba` sem expressar reação positiva de defesa.

profissional em lugar do artista, enfim, os eixos que valorizam a condução da mente. Mas, ao mesmo tempo, pode surgir a saudade que imputa ao progresso a morte das condições para a emergência do corpo criativo. Os dois ritos nos permitem lidar com contradições que, francamente, não saberíamos como fazê-lo de outra forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARAÚJO, Rosa. M. B. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- FIGUEIREDO, Antonio. História do foot-ball. São Paulo: 'O Estado de São Paulo', 1918.
- HAMILTON, Aidan. Um jogo inteiramente diferente! Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- HELAL, Ronaldo., SOARES, Antonio J. & LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.
- JESUS, Gilmar M. (1997) Os Esportes e a Modernidade Urbana: o Advento do Futebol no Brasil in Coletânea do **V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1997, pp 188-95.
- LOVISOLO, Hugo. Elogio do pé, Motus Corporis, Rio de Janeiro, v.7;n.1; -47-64, 2000.
- LOVISOLO, Hugo & SOARES, Antonio J. 2003. Futebol de várzea como crítica romântica. n.08 - janeiro/fevereiro/março- Caderno Cultural da Revista Polêmica, 2003. Disponível em < www2.uerj.br/~labore/revistapolemica.htm > Acesso em, 20 de fev. 2003.
- NETTO, Américo. R. Football - Inovação brasileira. In: Sports nº 1 Anno I. São Paulo, 1919.
- COBRA, Nuno. A semente da vitória, São Paulo: Senac Editora, 2000.
- PEREIRA, Leonardo.. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- TOLEDO, Luis. H. (2000). No país do futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Cia. Das Letras, 1992.
- SOARES, Antonio. J. Futebol raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial. 1998. 296 p.. Tese(Programa de Pós-graduação em Educação Física) Universidade Gama Filho/UGF, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Carmem L. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no séc. XIX*. Campinas: Autores associados, 1998.